



Jornalismo de Qualidade e Ética profissional na narrativa de Caco Barcellos em ‘Abusado’.¹

Caio Cardoso de Queiroz²
Iluska Maria da Silva Coutinho³
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

A ética do jornalista e a qualidade de sua produção são constantemente colocadas em questão. Os públicos têm opiniões mais ou menos cristalizadas sobre o jornalismo que acessam variando em função da sua relação com o jornalismo. As demandas desse público têm feito com que questionamentos sobre ética profissional e prática de qualidade no jornalismo sejam mais destacadas. O trabalho de Caco Barcellos, com uma trajetória de sucesso e reconhecimento se pautou nesses questionamentos. É possível identificar ali narrativas acerca da prática profissional na produção de seus livros-reportagem e um discurso tácito sobre como ele pensa a ética profissional e jornalismo de qualidade. Este trabalho busca a referência a estes temas em ‘Abusado – o dono do morro Dona Marta’ e procura analisar possíveis tensionamentos estabelecidos entre esta narrativa e estudos já realizados sobre estes assuntos.

Palavras-chave

Ética; Jornalismo de qualidade; Caco Barcellos; Abusado

Introdução

Entre os fatos jornalísticos e as notícias publicadas há uma série de práticas profissionais e implicações éticas de produção, apuração e tratamento das notícias que ficam sob a responsabilidade do jornalista. Conflitos ligados à forma de se narrar uma história, quais pontos de vista abordar e os encaminhamentos possíveis ao material ganham contornos complexos na medida em que, muitas vezes, o tempo para a execução das pautas não dão margem para que o profissional estabeleça as relações críticas necessárias sobre suas ações ou sobre a qualidade de seu trabalho.

Ética pode ser vista como a ciência da melhor ação dentre as possibilidades que se colocam à disposição das pessoas, incluindo todas as vivências pessoais passíveis de análise. Um sistema ético, no entanto, não deve ser confundido com um código fechado designado a situações específicas, sendo compreendido como a síntese de uma reflexão que resulta em uma

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação 6º. período da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista do Programa de Educação Tutorial - Sesu/MEC

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora.



compreensão geral do que é bom e ruim para a conduta humana e que, posteriormente, pode se cristalizar em normas codificadas.

Partindo desta visão holística sobre ética, podemos tomá-la sob um olhar mais específico, voltado para uma visão mais utilitarista. Esta ética, então, acaba se tornando um estudo voltado para as conseqüências das ações do jornalista, de modo que elas devem visar o bem coletivo. Sob essa perspectiva, portanto, uma ação pode ser considerada boa quando gera bons resultados - ou a felicidade - para os indivíduos, num princípio de utilidade da ação. Quando a intenção da atitude jornalística se volta para o bem coletivo, para o interesse público e está dentro dos limites legais, ela pode ser caracterizada como uma ação boa, ética.

Esta perspectiva de valoração das ações humanas, das suas conseqüências e dos diferentes contornos que a tomada de decisões pode ter, dos dilemas vividos pelas pessoas não se distancia em nada da rotina jornalística. Durante todo o tempo o jornalista está buscando versões de um fato e a escolha das vozes que predominam na sua produção, quais fontes especializadas auxiliarão na construção da notícia e tudo mais que envolve a produção das notícias está dotado de valoração, tanto pelo jornalista quanto pelo público. As escolhas que servem de guia na informação para o leitor acabam por formar efeitos diversos, partindo daí podemos dizer que além dos dilemas éticos envolvidos no jornalismo, há uma possibilidade de análise da qualidade deste jornalismo.

Nos valendo dos estudos de Traquina, Schudson e Phillip Meyer, por exemplo, sobre as características do jornalismo, buscamos uma análise da qualidade dessa produção por meio de autores como Beatriz Becker, Itania Gomes e Iluska Coutinho. Sob essa perspectiva, analisamos o material da produção de Caco Barcellos no livro ‘Abusado’. A partir deste livro-reportagem buscamos colocar lentes de observação sobre o discurso de Barcellos sobre a profissão, procurando ali uma narrativa subjacente sobre o que seria ética profissional e sobre a produção jornalística de qualidade.

Tendo que a maior parte dos jornalistas está submetida a uma rotina de produção profundamente calcada num volume grande de pautas a serem cobertas, frequentemente a reflexão crítica aprofundada, acerca da ética está colocada abaixo do que pensamos ser necessário. Esta reflexão é mobilizada diariamente em função de situações específicas desta rotina, mas podem ser olhadas com atenção especial, dada a realidades de produção e consumo do produto jornalístico. O profissional deve ser capaz de sublinhar em seu trabalho alguns itens de abrangência sobre os temas, vista a abertura cada vez maior dos processos de produção.

Na medida em que o posicionamento de um profissional de referência expõe seu processo de produção e as questões do fazer jornalístico, ele serve como um pensamento balizador para os



colegas de profissão e também para o público. Fica evidente a necessidade e a importância de se analisar o posicionamento do jornalista sobre o que se faz e entende por jornalismo hoje no Brasil.

Abusado - O dono do morro Dona Marta

Em *Abusado*, Caco Barcellos tem a intenção de fazer uma busca pelas histórias das pessoas de dentro do crime organizado no Rio de Janeiro, mais especificamente sobre personagens do Comando Vermelho, tendo como personagem principal o traficante Márcio Amaro de Oliveira, o Marcinho VP (sob o codinome Juliano, no romance). Barcellos mergulha na favela Santa Marta e percebe que, em meio a uma espécie de guerra no fim do mundo, gangues rivais se digladiam, transgredindo as leis “do asfalto” de maneira violenta, mas que ali se realizam processos de formação da identidade, agregação coletiva e robustos laços de sociabilidade.

O jornalista documenta declarações cercadas por histórias pessoais e carregadas da pessoalidade dos que constroem uma genealogia do crime naquele morro e toma partido, se posicionando claramente. O fato de conhecermos a opinião do jornalista não diminui, no entanto a qualidade de seu trabalho jornalístico não é prejudicado, já que os critérios de apuração e angulação das entrevistas devem ser aplicados de maneira semelhante a todas as fontes. Não há uma distorção da realidade, na verdade ela se torna menos artificial, mais humana, com as diferenças tratadas de maneira profunda e sem estereótipos.

Ao registrar a cobertura da imprensa na primeira grande Guerra do morro, ocorrida em 1987, o repórter narra algumas situações como se visse de dentro, sem julgar qualquer um dos lados, mas observando somente alguns dados. Ele narra que Cabeludo, traficante “dono do morro” na época, se espantou com “um grande movimento de carros da imprensa nas ruas de acesso.[...] A partir deste momento a repercussão da guerra ultrapassaria os limites de Botafogo e do Rio de Janeiro.[...] Os combates de Zaca e Cabeludo virariam notícia no Brasil e no mundo”. (BARCELLOS, 2004, p.113/114).

Logo depois, Barcellos documenta a publicação de uma foto na mídia nacional e internacional. “A cena de Carlinha do Rodo, uma menina de 14 anos, franzina, um metro e meio de altura, com uma pistola automática na mão, teve grande destaque na imprensa e causou espanto no país em 1987” (BARCELLOS, 2004, p.116.). O traficante então manda comprar um jornal para buscar informações sobre o corpo de um amigo, que havia desaparecido. “Não encontrou nenhuma informação, a morte sequer havia sido noticiada. O destaque era para as fotografias de homens com armas de guerra. Afinal, nunca os jornalistas haviam visto arsenal tão poderoso nas mãos de criminosos comuns, de um lugar tão pobre e esquecido” (BARCELLOS, 2004, p.117).



Alguns aspectos da produção jornalística são realçados neste livro-reportagem. Os limites éticos de “o que retratar” e da “maneira a utilizar-se da realidade”, as práticas do profissional de jornalismo expostas em momentos complicados, de uma realidade social muito conflituosa.

Quatro anos de produção de uma reportagem de profundidade envolvendo ações de apuração, entrevistas e organização do material em livro fazem com que a história corra de maneira fluente. Sob um ponto de vista que centraliza Marcinho, a história do morro vai sendo conduzida e, na medida em que o crime começa a tomar uma proporção para a personagem central, passa também a ganhar os contornos que teve na década de 90 no Rio de Janeiro.

A estrutura do livro-reportagem

Vinte capítulos integram a primeira parte do livro, “Tempo de viver”, na qual toda a trajetória pessoal de Marcinho VP é contada de maneira integrada à história do Morro Dona Marta. Na primeira parte, o ritmo de narrativa histórica evidencia a história do morro pelas falas das diferentes pessoas envolvidas. A documentação fica por conta de fontes oficiais e de histórias orais, de boa parte da história do crime no Dona Marta e passa também uma noção de quais tipos de relações sociais se estabeleceram na favela desde seu início.

As amizades de adolescentes, a lealdade a um bandido visto como herói pelos meninos da mesma faixa etária, as guerras entre os diferentes mandatários do morro sob o ponto de vista de jovens que entram para o crime organizado muito cedo. Há inclusive uma explicação sobre origens e pessoas fundamentais para o surgimento de grandes grupos do crime organizado carioca se estruturando nesta etapa do livro. A documentação de fontes oficiais é complementada por uma bibliografia variada e entrevistas que, com dados cruzados, passaram a tecer uma história do crime no Rio e a ascensão de VP ao comando do morro Dona Marta.

No segundo trecho do livro-reportagem, “Tempo de morrer”, Marcinho já se tornou o dono do morro e ganhou notoriedade. Mesmo a relação de traficantes com a imprensa, que até então no livro era mais pontual, passa a ganhar contornos diferentes a partir desta parte. Boa parcela desta notoriedade em torno do nome dele se faz na sua relação com a imprensa, que aparece de maneira mais agressiva e clara. Momentos marcantes da história se colocam nestes dez capítulos, da vinda de Michael Jackson à favela, passando pela filmagem de um documentário no morro chegando à fuga do “dono do morro”.

Algumas das preocupações manifestadas pelo jornalista com relação à notoriedade que o personagem poderia ganhar após a publicação de um livro como esse ficaram explicitadas no decorrer da narrativa e são ainda passíveis de discussão. Caco Barcellos inclui em seu posfácio considerações sobre pessoas das quais não conseguiu contar as histórias e, após a morte de Juliano/Marcinho VP, comenta a reação de muitos colegas de profissão e mesmo cidadãos que de



certa maneira culpam a publicação da história do traficante pela morte que este sofreu na cadeia. Ainda neste espaço Barcellos volta a falar sobre as relações dele com sua fonte-personagem e se coloca como o autor do livro e responsável por sua publicação e ainda critica o absurdo de membros da facção criminosa poder se matar facilmente mesmo estando presos.

A Ética profissional

A ética pode ser entendida como um pensamento, um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, sobre os costumes e ações humanas. Mas também chamamos de ética a própria vida, quando conforme aos comportamentos considerados corretos. As questões da ética nos aparecem a cada dia e durante a prática profissional esses questionamentos podem ser ainda maiores. Poderíamos nos perguntar se revelar a notícia é um fim que justifica um posicionamento do jornalista acima ou abaixo das leis.

Marilena Chauí aborda, como visto na obra *Ética e Jornalismo*, de Mayra Rodrigues Gomes, a ética como um campo filosófico que se dedica “à análise dos próprios valores e condutas humanas, indagando sobre seu sentido, sua origem, seus fundamentos e finalidades”(Chauí *apud* GOMES, 2005. p19). Podemos dizer então que a ética jornalística se dá como um conjunto de procedimentos e normas que regem a boa prática jornalística.

Uma visão utilitarista acerca da ética profissional se baseia na “utilidade ou o princípio da maior felicidade como a fundação da moral sustenta que as ações são corretas na medida em que tendem a promover a felicidade e erradas conforme tendam a produzir o contrário da felicidade”, segundo John Stuart Mill em sua obra ‘Utilitarismo’ (2005, p.187). Porém o utilitarismo não tende a privilegiar o egoísmo, a felicidade individual, na medida em que, neste modelo, o que importa “não é a maior felicidade do próprio agente, mas a maior soma de felicidade conjunta” (MILL, 2005. p.194)

Esta ética se refere à conduta que se espera do profissional, portanto as ações dos jornalistas passam por alguns pontos-chave a serem vencidos na rotina profissional e estão previstos no Código de Ética dos jornalistas brasileiros. O Código foi implantado em 1987 depois de aprovado no Congresso Nacional dos Jornalistas. Segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) o documento "fixa as normas a que deverá subordinar-se a atuação do profissional, nas suas relações com a comunidade, com as fontes de informação, e entre jornalistas".

Alguns aspectos evidenciados no Código de Ética, no Capítulo II, que trata da conduta profissional do jornalista, tem claro diálogo com as situações vividas por Barcellos e descritas em sua obra. Esse é o caso do Artigo 6º, que estabelece que “É dever do jornalista: I - opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração



Universal dos Direitos Humanos”. Esta defesa dos princípios de Direitos Humanos fica muito clara na abordagem criada durante o livro ‘Abusado - O dono do Morro Dona Marta’.

Desde o início, o jornalista opta por deixar clara a sua opção e as condições sob as quais ele desenvolveu o trabalho de pesquisa jornalística para a construção de sua obra. Na introdução, Caco Barcellos deixa claro não ter sofrido pressões da quadrilha ali retratada ou de outras pessoas envolvidas nas histórias a serem descritas. Esclarece também que omitiu “alguns nomes para evitar intriga, perseguição ou punições judiciais aos que me confiaram seus segredos. Usei o mesmo critério para quem viva fora do morro, criminosos ou trabalhadores, gente honesta ou não” (BARCELLOS, 2004, p.11).

Durante a obra, Caco Barcellos trata das relações que a mídia, o jornalismo e os jornalistas podem estabelecer com a favela e seus moradores. Partindo dessa defesa de valores ligados aos Direitos Humanos e dos métodos que o autor estabelece como os usados para escrever o livro-reportagem, optamos por fazer uma sistematização que trata o tema da ética profissional em três âmbitos: numa relação entre mídia e morro, como os meios de comunicação lidam com as questões e as pessoas que vêm das favelas; a relação entre os jornalistas e essas mesmas questões também pôde ser identificada de maneira considerável durante a obra e merece atenção especial, por fim a relação entre Caco Barcellos e suas fontes no que tange à ética profissional também foi analisada.

A mídia e o morro

Os grandes jornais impressos raramente tratavam de assuntos que interessassem aos moradores mais efetivos no Santa Marta e os meios de comunicação com mais respaldo no morro, segundo o repórter, “eram a TV, o rádio e o alto-falante da Associação de Moradores. [...] Ninguém gasta dinheiro para comprar informações, até porque “como os rádios e as TVs pouco divulgavam assuntos de interesse dos moradores do morro” (BARCELLOS, 2004, p. 130)

A falta de informações na chamada grande imprensa é abordada em vários momentos, quando Barcellos evidencia que a “imprensa sensacionalista” ou “popular” é a única responsável por tratar de assuntos que se aproximam dos interesses dos moradores da favela. Ele exemplifica suas colocações em diversos momentos em como o que Débora, uma namorada de Marcinho VP, “[...] contou que passara os últimos dias tentando acompanhar, como jamais fizera em sua vida, o noticiário sobre as favelas do Rio de Janeiro. Ficara impressionada com a falta de informação, tanto nos jornais quanto nas revistas, nas rádios, nas televisões.” (BARCELLOS, 2004, p. 251) . Barcellos corrobora ainda suas abordagens se baseando em dados que dão conta de em três anos de pesquisa, 17 mortes foram atribuídas pela polícia aos tribunais da favela. Só um



dos crimes, por envolver uma personagem conhecida fora do morro, foi noticiado na imprensa carioca.

A abordagem que o autor estabelece entre mídia e comunidade é diferente daquela colocada quando a relação dada é entre jornalista e comunidade. A primeira é, por vezes, tratada como “opinião pública”, como característica propulsora de ações do poder público em áreas de favela e com viés interventor forte na realidade das comunidades carentes, ainda que isto esteja carregado de preconceitos, na visão de Caco Barcellos.

Quando colocadas situações em que há uma ligação direta entre comunidade e imprensa, raramente esta relação é vista de forma processual, onde imprensa recorre ao morro como parte constituinte de seu produto - seja ela o cenário, sejam as personagens ou quaisquer outras manifestações com as quais o jornalismo poderia usar para incorporar essas pessoas ao seu discurso.

A imprensa volta a ganhar destaque na narrativa de Barcellos quando, já narrando o processo de apuração para construção do livro, “uma reportagem exclusiva de sete páginas, sob o título de ‘Encontro na Cidade Partida’, no jornal O Globo, marcaria o início de uma das maiores coberturas jornalísticas da história do Rio de Janeiro envolvendo um traficante.” (BARCELLOS, 2004, p.523). Após esta publicação, começa uma caçada em busca do traficante.

Em mais este caso, a veiculação de dados parcialmente incorretos por parte da imprensa mobilizou a opinião pública, o que desaguou na prisão do traficante em questão. Desta vez, segundo Barcellos, a interpretação errada causada por uma declaração do cineasta João Moreira Salles (que “financiava” os estudos do bandido fora do Brasil) fez com que a imagem do bandido fosse ampliada para esta opinião pública.

Porém há, nestes casos, um ocultamento total da função do profissional do jornalismo. Em nenhum momento, a posição da imprensa ou dos veículos é tida como a posição do jornalista. Mesmo nas situações em que jornalistas entram no morro, eles estão sujeitos a condições de trabalho extremas e sem muitas opções de ação. Ora os jornalistas entram acompanhando os policiais durante operações para retomada de controle da região, ora deixam de lado esta cobertura deixando-a limitada aos jornais populares.

A intenção do autor não é falar sobre as formas de trabalho dos jornalistas e ele acaba por abordar essas questões por um viés voltado para a experiência pessoal. O único momento em que os jornalistas falam sobre suas matérias e as conseqüências por elas geradas é na discussão sobre a entrevista de Marcinho VP aos três jornalistas que quebraram o acordo com a fonte, mas que fazem uma autocrítica logo após, com um teor de culpa atribuído também aos editores, que os pressionaram em direção à publicação “custe o que custar”.



De certo modo, há aí também uma culpa colocada no mercado de circulação das notícias, no qual ou publica-se a entrevista mesmo rompendo o que foi combinado com a fonte, ou corre-se o risco de não publicar e ser “furado” pela concorrência que, sabe-se, tem também este material. A crítica ao comportamento ético do jornalístico fica mais focada para a imprensa de modo geral.

“Tem jornalista no morro”

Na relação do jornalista Caco Barcellos com seus pares, que também atuam na cobertura da violência no Rio de Janeiro, críticas são pontuais. Logo no início da primeira parte do livro há a participação de uma repórter como agente modificadora de uma situação. “Uma das mulheres ligou para a repórter Albeniza Garcia, muito respeitada pelos moradores do morro. Quando os policiais ouviram a notícia de que Albeniza estava a caminho da favela, levaram Careca para a delegacia de Botafogo” (BARCELLOS, 2004, p. 29). O exercício profissional de uma repórter era usado como artifício dos moradores para impedir abusos policiais.

O envolvimento da prática profissional do jornalista com os moradores do morro é, em geral, tratados em termos de “imprensa” ou de “jornais”. Ainda assim, quando fala na cobertura da primeira “guerra” do morro, Barcellos explica que a visão que os moradores da favela tinham sobre o que era noticiado era algo influenciado pelas condições de trabalho dos jornalistas que atuavam na cobertura.

Os correspondentes de guerra mostravam que a violência era brutal sem explicar direito de que lado estavam os mortos, nem qual das quadrilhas levava vantagem nos combates. Para os moradores do morro, sobretudo os envolvidos com o tráfico, a impressão era de que os jornalistas simpatizavam com Zaca. Raramente seus homens eram filmados ou criticados por usar armas de grande porte. Na verdade, os repórteres registravam a ação que estava mais perto deles. Salvo exceções, eles conseguiam chegar no máximo até o final do pavimento das duas ruas de botafogo que levam à favela. A Escadaria era o limite. (BARCELLOS, 2004 p.118).

Apesar de “justificar” o tratamento dado pelos jornalistas nesse caso, a abordagem acerca dos jornalistas e seu trabalho de apuração e construção de matérias a partir “do morro” somente volta a ser abordado na segunda parte do livro. É durante uma situação específica que reaparecem os jornalistas entrando no morro: de maneira escondida durante as gravações do clipe de Michael Jackson para fazer matérias sobre a visita do cantor a uma comunidade carente.

A partir de então conta-se como os jornalistas foram descobertos pela quadrilha, foram levados até o traficante, “dono do morro”, este episódio é marcante por tratar de alguns desafios e dilemas da vida profissionais de seus colegas. Três repórteres (dos três maiores jornais impressos da cidade à época) são levados até o bandido e negociam com uma entrevista, entrando em acordo



sobre o que pode ou não ser veiculado. Marcinho, tratado no livro como Juliano, fecha um acordo com “um depoimento sem autocensura[...], com a promessa dos repórteres escreverem que a entrevista foi feita no Santa Marta, mas sem identificar o nome dele nem dizer que ele era o dono da boca. Todos apertaram as mãos para selar o compromisso.” (BARCELLOS, 2004, p. 342)

Todos os repórteres têm, também por pressão de seus editores, que romper o combinado de alguma maneira para garantir a publicação da entrevista. “Juliano ficou arrasado. Constatou que os três jornais não haviam respeitado o acordo feito pelos repórteres. Além de seu nome, haviam publicado sua fotografia e versões diferentes sobre a mesma entrevista da madrugada de sábado” (BARCELLOS, 2004, p.349).

A partir da narração deste fato na história do morro, Barcellos inicia uma série de colocações acerca da visão que as pessoas carentes, moradoras do morro, têm sobre os jornalistas. É partindo da quebra do acordo entre jornalista e fonte que o repórter relata que, na visão dos moradores da favela os jornalistas são tratados como “carniceiros”, seriam pessoas em quem não se pode confiar, como fez Marcinho VP.

Cada jornal tratou a entrevista de uma maneira, trazendo também várias conseqüências. A repercussão foi considerada uma afronta às autoridades na época e desencadeou uma perseguição ao bandido. “A Delegacia de Repressão a Entorpecentes abriu um inquérito por tráfico de drogas, formação de quadrilha armada e apologia ao crime. E, usando suas declarações aos jornais, formalizou um pedido de prisão preventiva contra ele.” (BARCELLOS, 2004, p.351)

Além das conseqüências à vida do traficante, Barcellos abordou as proporções que a quebra do acordo tomaram na vida dos jornalistas. Todos adotaram medidas de reforço da segurança por que eram ameaçados e viveram um tempo com o medo de sofrerem algum tipo de vingança. Ainda que o processo criminal contra traficante tenha feito menção honrosa ao trabalho dos jornalistas, esses profissionais fizeram uma análise crítica de seu trabalho e consideraram, segundo Caco Barcellos, que tiveram um impacto grande - talvez desmedido - na vida do traficante, tornando-o inimigo público número um. Segundo Barcellos, colocados hoje em perspectiva, os jornalistas avaliam que o cumprimento do acordo teria sido o mais recomendável.

Caco Barcellos e suas fontes

Caco Barcellos vê a fonte como aquele que conta sua história a um repórter; o direito a confidencialidade da fonte, quando necessário, é descrito como parte essencial na construção desta obra. Ele esclarece ainda que a opção por usar codinomes ou apelidos conhecidos pelos mais íntimos, foi a forma encontrada para “contar as histórias de crimes sem precisar mutilar a verdade. Durante os quatro anos de produção do livro, muitos deles foram presos, torturados, mortos



sempre de forma brutal. A experiência reforçou meu repúdio à cultura da punição perversa, contra quem já nasceu condenado a todas as formas de injustiça.” (BARCELLOS, 2004, p.11)

Percebe-se uma preocupação voltada à preservação da segurança das fontes envolvidas na apuração dos fatos na construção do livro-reportagem. Essa perspectiva fica particularmente visível dentro da lógica de ética utilitarista, onde o que se busca é a “felicidade” tal como pensada por Stuart Mill. Alguns dos fatos a serem abordados no livro são de conhecimento local, somente, mas servem de subsídio para o entendimento do fenômeno da violência urbana, do tráfico de drogas e, principalmente, da desigualdade social que assola a cidade do Rio de Janeiro. A publicação desse conhecimento restrito faz com que os debates em torno desses temas ganhem mais corpo e, em contrapartida, o jornalista que tem o trabalho de colher este material, sistematizá-lo e publicá-lo, tem o direito garantido de sigilo a essas fontes visando a proteção dessas pessoas.

Para abordar o processo de construção jornalística deste livro-reportagem, Barcellos dedicou uma parte do segundo trecho da obra. O jornalista diz ter tido, na época, a noção de que “era sem dúvida um desafio, cheio de implicações éticas, morais, legais. Antes mesmo de assumir comigo mesmo, o compromisso de enfrenta-lo, eu já deduzira que seria a reportagem mais difícil de meus 25 anos de profissão.” Para que ele não passasse, então, por problemas profissionais decorrentes do novo trabalho, Barcellos diz que deixou “cartas na chefia da redação do meu trabalho na TV, explicando a natureza da reportagem que faria. Era a maneira de fazer um esclarecimento prévio aos meus colegas para a eventualidade de ser preso na companhia de traficantes foragidos.” (BARCELLOS, 2004, p.460/461)

Ainda em processo de acerto de condições para o início das atividades de apuração jornalística e escrita do livro-reportagem, Caco Barcellos afirma ter estabelecido limites de conhecimento dele próprio sobre as ações do grupo sob pena de parar a apuração para não se tornar cúmplice do bando. Ele aborda a necessidade de “deixar claro qual seria o meu método de trabalho e falar de minhas expectativas sobre os critérios fundamentais de conduta minha e dos homens que pretendia entrevistar”(2004, p.461).

O autor aborda momentos em que seus “critérios éticos tenham efetivamente prejudicado as apurações.”(BARCELLOS, 2004, p.464) Em função da imposição de que não se planejasse ou executasse nenhuma atitude criminosa em companhia do jornalista, muitos dos homens relutaram muito em dar entrevistas. Seguindo o rigor da apuração e defesa da integridade das suas fontes, o jornalista narra o processo de conquista da confiança dos moradores do morro, quando descreve que “nos momentos mais difíceis da apuração – quando este livro-reportagem seria denunciado à polícia – [os moradores] mantiveram a mesma postura, concordando em sair da área de controle deles para gravar depoimentos no meu território, no asfalto.” (BARCELLOS, 2004, p.466)



“Superado o estranhamento do início, passei a ter dificuldade em administrar o oposto, a confiança extremada.”(2004, p.466) A partir deste momento na narrativa, o repórter aborda outra dimensão do trabalho jornalístico de profundidade. Após dois anos de pesquisa, separar as histórias pessoais e filtrar o volume de informações passa a ser necessário. O jornalista esclarece, ainda, como eram suas reuniões com o traficante, até então foragido, em Bueno Aires. O jornalista estabelece durante a sua narrativa que o conhecimento parcial dos métodos de fuga e da localização do traficante não faziam dele um cúmplice, mas a polícia chegou a o investigar para conhecer se havia alguma forma de acobertamento das ações do traficante por parte do repórter. Barcellos relata, ali, estar imbuído de uma necessidade de conclusão de seu trabalho até mesmo para desfazer a imagem que fora construída para seu personagem na mídia nacional.

As implicações da ética jornalística vão se colocando no decorrer da obra, de modo que no posfácio o autor coloque sua opinião sobre a morte de seu personagem. “Infelizmente a morte de Juliano confirmou o que eu temia desde o dia de nossa primeira conversa sobre o livro”(2004, p.556). A divulgação da história pessoal de Marcinho VP, tratado sob o codinome de Juliano, o transformou numa personalidade do crime, o que pode transformá-lo em alvo preferencial. Outra implicação ética comum ao trabalho jornalístico, a aprovação do entrevistado ao material, Barcellos esclarece que “nunca havia prometido submetê-los a aprovação dele porque o livro deixaria de ser de minha autoria. E que eu tomaria a mesma decisão se o livro fosse sobre o Presidente da República.” (BARCELLOS, 2004, p. 557)

Jornalismo de qualidade

O profissional de jornalismo carrega consigo a responsabilidade da apuração correta e séria das notícias. Os diferentes conflitos éticos que surgem na sua rotina podem afetar todo o processo de produção dessa notícia. As constantes discussões sobre a objetividade e sobre a imparcialidade jornalística fazem com que os estudiosos se dediquem a “sublinhar a complexidade do jornalismo e as dificuldades e desafios para o exercício da profissão. Seus limites.” (TRAQUINA, 2007)

Isso acontece durante todo o tempo e tende a ser visto na prática jornalística como uma busca constante por essa objetividade na rotina do trabalho. As práticas para um jornalismo de qualidade são citadas por MEYER (1989), como “regras pragmáticas para a objetividade”. O autor resume a regra da objetividade, dizendo que “o repórter procura adotar uma posição de ‘homem de Marte’, vendo cada exemplo como novo, não perturbado por expectativas prévias, juntando observações e passando-as adiante intocadas por interpretações”. Ele também reconhece que “isto não funciona, naturalmente”, pois o mundo é complexo demais.



Então, a partir dessa realidade complexa, o discurso jornalístico que tenha como objetivo ser construído com qualidade considerável deverá ter o máximo possível de pontos de vista colocados sobre o assunto. As subjetividades variadas dos envolvidos estarão presentes nos relatos da notícia, e quanto mais relatos diferentes (mais possibilidades), maior a chance deste jornalismo possuir uma qualidade maior. A apresentação do que Eugenio Bucci apresenta como “intersubjetividade crítica dos agentes” seria o pilar básico na construção de um jornalismo de qualidade.

Esse jornalismo que é capaz de dar voz a pessoas antes escondidas, que mostra as mais possíveis e variadas faces de um mesmo acontecimento e que é capaz de estimular pensamentos críticos nas pessoas é o jornalismo de qualidade. Beatriz Becker (2006), ao propor a construção de parâmetros para a análise de telejornais defende medidas que podem aumentar a qualidade do jornalismo praticado passando por pontos como “estabelecer uma nova hierarquia de valores em sintonia com o interesse público” durante a elaboração das pautas a serem apuradas. Na apuração e na construção das notícias e reportagens, ainda segundo BECKER, é preciso “reinventar as maneiras de abordar os fatos sociais, cruzando informações e dados, criando relações entre aspectos locais, nacionais e globais nos relatos para promover a cidadania, abrindo regularmente espaço para vozes de diferentes personagens”.

Nesta perspectiva é aumentando a quantidade e variedade de vozes disponíveis nos produtos jornalísticos, dando a estes o embasamento necessário e a chance de tratar de temas realmente importantes e tangíveis ao dia a dia do cidadão comum que o jornalismo volta ao seu local de origem como ‘espaço de luta política’, tal qual conceituado por Nelson Traquina. Assim, um jornalismo de melhor qualidade teria essa busca constante em si, ou em outras palavras, incluiria necessariamente reflexões acerca do fazer jornalístico.

Como diz Itania Gomes (1998), a análise sobre a qualidade dos telejornais deve passar por dados concretos de programas reais de jornalismo. Assim, poderemos pensar “questões sobre o controle das emissoras, a função social do jornalismo, a popularização da audiência (...) a partir do exame de como elas incidem sobre programas jornalísticos concretos” (GOMES, 1998). Assim, a análise acerca da qualidade daquele produto jornalístico deve ser “o julgamento sobre o bem-sucedido de um programa específico, realizado em condições históricas, sociais e culturais específicas”. Dado que o jornalismo é feito da seguinte forma e sob os aspectos e limitações que o cercam, o rumo tomado para que os efeitos fossem o melhor possível podem nortear esta análise.

Essas reflexões, durante a narrativa de Caco Barcellos em ‘Abusado - o dono do morro Dona Marta’ acontecem de maneira predominante na segunda metade do livro. Abordar pessoas com histórias de vida tão complexas e narrar um trecho dessas vidas é uma tarefa que envolve a



compreensão da realidade que envolve essas pessoas. É por meio das narrativas dessas pessoas sobre si mesmas e sobre o meio que as envolve que se dá a construção do que eles têm por valores.

Para a estrutura narrativa em forma de romance, a justificativa de Caco Barcellos se baseia no volume de dados obtidos com a enorme quantidade de entrevistas com as várias personalidades do morro. As buscas por documentações oficiais fazem parte de um estágio inicial da apuração jornalística, na medida em que esses documentos servem de base para uma orientação mínima sobre a cronologia de acontecimentos.

O repórter estabelece uma metodologia concentrando “a pesquisa na história dos homens que morreram em 15 anos de guerra no morro. Os amigos e parente passaram a colaborar, cada um a seu modo. Alguns gravavam horas de depoimentos, fundamentais para a reconstituição dos episódios marcantes. Alguns fizeram questão de oferecer as lembranças que guardaram dos filhos e amigos perdidos.” (BARCELLOS, 2004, p.465)

Barcellos esclarece que os diversos tipos de narrativas acerca dos acontecimentos no morro eram descontraídos, segundo ele os santinhos de homenagens póstumas e atestados de óbito, “foram de grande valor para eliminar informações descontraídas sobre as datas de crises, invasões, combates, tiroteios. Só depois de um ano aprendi que a cronologia da guerra, ou de qualquer outro episódio importante do morro, para a quadrilha, era marcada pela história de seus mortos.” (BARCELLOS, 2004, p.466)

Lidar com as contradições ou mesmo as mentiras dos depoimentos dados pelos criminosos na apuração era mais uma das implicações de se tentar construir uma narrativa sobre a quadrilha de Marcinho VP. Barcellos pondera que há a possibilidade de que alguns personagens “tenham contado histórias exageradas ou mentirosas. Procurei checá-las cruzando depoimentos das fontes formais – arquivos de jornais e de TV, inquéritos policiais, processos na justiça, cartórios de registros civis.” (BARCELLOS, 2004, p.466)

Durante toda a obra e para além dela, fica registrada a relação de negociação intensa entre Marcinho e Caco Barcellos. A determinação dos limites e interesses dos dois personagens dentro desta reportagem são uma colocação firme sobre o parâmetro estabelecido pelo jornalista na relação com a sua fonte para a construção de sua matéria. Coloca-se inúmeras possibilidades e impossibilidades de atuação do jornalista e de discussões sobre as práticas jornalísticas e limites a serem colocados.

As inúmeras intersubjetividades conectadas durante a narrativa de Abusado têm a função de construir a história do morro na visão dos moradores que, segundo o repórter, vêem a cronologia do lugar onde vivem a partir da história dos mortos, Isso também “ajudaria a resolver o



quebra-cabeça sobre a cronologia das guerras. Foram dezenas em 15 anos de história. Mas, para a maioria, a única referência efetiva era a guerra grande de 1987” (BARCELLOS, 2004, p.465). Buscando uma forma de conexão entre a história desses excluídos(que raramente têm voz nos meios de comunicação de massa) e as documentações oficiais, que são também fontes desses veículos, Barcellos busca uma formação de um discurso dos moradores sobre a história do morro, dentro do que ele caracteriza, de maneira indireta, como jornalismo de qualidade.

Conclusão

O posicionamento de um jornalista reconhecido em seu meio como uma referência na sua atividade pode influenciar no cotidiano de vários outros profissionais, que não se dedicam mais profundamente à reflexão acerca dos parâmetros éticos ou da qualidade do produto jornalístico por eles elaborados.

Durante a narrativa de Abusado, Barcellos trabalha com diversas narrativas diferentes para construir a genealogia do crime no morro. Ele relata a necessidade de se tratar a história das pessoas por meio de uma história que não sirva de justificativa por parte dos criminosos pelos atos já cometidos ao mesmo tempo em que pode servir como uma forma dessas pessoas externarem suas vivências em um contexto de exclusão.

Neste trabalho, alguns detalhes de conflitos éticos ficam mais visíveis. As novas demandas do público se aproximam dos jornalistas, em especial aqueles usados como referências. Isso faz com que além do cuidado e do rigor ético na apuração jornalística, na construção da notícia e na recepção das respostas dela se transponham também para uma exigência da qualidade deste produto e da qualificação do profissional que a executa.

Caco Barcellos aborda a construção de uma reportagem em profundidade com criminosos conhecidos e em atividade. Quais são os limites do conhecimento do jornalista sobre as atividades criminosas; o tipo de relação que se estabelece com essas fontes; quem ouvir; como documentar?

Todo o conteúdo da reportagem é perpassado pelos conflitos éticos e pela dificuldade da construção de uma história consistente e com qualidade jornalística. Ao expor os métodos, de maneira parcial na segunda parte do livro, Barcellos mostra um cuidado no trato com as fontes, inicialmente relutantes quanto aos formatos e condições para entrevistas e posteriormente confiantes demais e familiarizados com a presença do jornalista no meio deles. Ele ainda expõe certa ciência de haver uma chance de que parte dos dados que lhes foram passados em depoimentos estejam exagerados, mas diz ter tentado cruzar as declarações com outras ou com fatos documentados externos.

Durante este livro-reportagem, colocam-se discussões sobre jornalismo de qualidade se baseando na interconexão entre depoimentos e na tentativa de comprovações, por meios físicos



documentais, do que lhe era afirmado. Além da pluralidade de fontes não oficiais, o repórter documenta nas páginas de seu livro ter tido fontes policiais, políticos e ter recorrido à imprensa para efeito de cronologia nos dados relatados e também para oferecer um olhar mais externo à história do morro. Isto é também encaixado no discurso acerca da ética jornalística e torna-se complicado dizer quais são os depoimentos mais ou menos verdadeiros, visto que muitos deles estão comprometidos com o crime organizado e com o bando no qual cresceram.

Referências bibliográficas

BARCELLOS, Caco. **Abusado – O dono do morro Dona Marta**. 12ª ed. – Rio de Janeiro – Record, 2004.

BARCELLOS, Caco : Entrevista concedida a Valéria Passos Kneipp em julho de 2008. “**A denúncia é só o começo da apuração.**” Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/entrevistas10.htm>

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

BECKER, Beatriz. Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção. 15º Encontro Anual da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP-Bauru, 6 a 9 de junho de 2006

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em TV**. Tese de doutorado (Umesp). São Bernardo do Campo, SP, 2003.

GOMES, Itania Maria Mota. **Telejornalismo de qualidade – pressupostos teóricometodológicos para análise**. Anais do XV Congresso da Compôs. Bauru, UNESP, 2006.

GOMES, Mayara Rodrigues. **Ética e Jornalismo**. 2.ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

MEYER, Philip. **A Ética no Jornalismo**. 1987 - ed.bras. Rio de Janeiro: Forense, 1991.

MILL, John Stuart. Utilitarismo. Trad. Pedro Galvão. Porto: Porto Editora, 2005

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 7.ed., São Paulo: Contexto, 2008.

SCHUDSON, Michael. **Modelo americano de jornalismo: Exceção ou exemplo?** Comunicação & Cultura, n.º 3, 2007, pp. 115-130. Disponível em: http://cc.bond.com.pt/wp-content/uploads/2010/07/03_06_Michael_Schudson.pdf

TRAQUINA, Nelson. Entrevista concedida para a Revista IHU-Online, publicada em outubro de 2006. **O jornalismo como um espaço de luta política**. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=533&secao=202

_____. Entrevista concedida a Mozahir Salomão em 16 de maio de 2007. Nelson Traquina aponta os desafios do jornalismo. Disponível em: <http://www.dcs.pucminas.br/coreu/omundo/index.php?page=artigos/artigo-mozahir>